

# AMA GIRA

PERFORMAR E CELEBRAR!

---

---



CULTURA



ARTE. MEIO AMBIENTE.

---

Ao longo do projeto AMA Rio, tivemos muitos aprendizados sobre o movimento do corpo e sua relação com o território, o que me fez refletir sobre dança e arte como ferramentas para impulsionar mudanças, através da canalização de sentimentos que façam mal para si e para o outro e consequentemente, acerca da necessidade da calma, de forma a auxiliar em momentos de criação. Assim, os melhores encontros foram os que foi necessário nos conectarmos uns com os outros e com isso, exercitar a imaginação para pensar soluções viáveis. Os alongamentos, as músicas, o exercício de andar pelas salas e associar aos elementos naturais foram muito significativos, ao mesmo tempo que as dinâmicas práticas manuais despertaram coletividades antes desconhecidas.

Além disso, os debates eram sempre enriquecedores e o que mais me impactou foi o sobre racismo ambiental, em que foi bonito ver as perspectivas e falas trazidas que trouxeram grande inspiração, sendo incrível poder conhecer o projeto Faveleira construído por uma favelada com consciência de classe.

Nota-se dessa forma, como questões de negligência que afetam a saúde da população periférica tem relação direta com a urbanização e higienização das cidades com a divisão entre centro e periferia e a necessidade de marginalizar pessoas racializadas trabalhadoras, que pela falta de cuidado público, constroem suas vidas por si próprias com o pouco que tem e apesar da mobilidade, comércio e lazer funcionarem para os moradores, ainda assim é de forma muito precária.

Por muito tempo, o trabalho artesanal e criativo foi e ainda é desenvolvido pelas minorias étnicas, que são tratadas apenas como servis, desprovidas de sentir e foram estas que construíram a arquitetura das cidades, que inventam as melhores soluções existentes na humanidade e que são invisibilizadas e apropriadas pelos burgueses, sendo principalmente homens brancos.

Garrett Morgan (1877-1963), filho de ex-escravos inventor do semáforo, foi responsável por salvar inúmeras vidas na época e que hoje é modelo para a forma que as grandes cidades funcionam, além de fundar o jornal Cleveland, que reportava questões afro americanas. Além disso, mulheres negras sempre foram pioneiras em desenvolver métodos e formas de resistência como a Maria Beatriz do Nascimento, nascida em Aracaju em 1942 que cursou história e dedicou sua vida para que os temas étnico raciais ganhassem visibilidade no Brasil, formando o grupo de trabalho André Rebouças. Mais tarde, em 1978 Lélia Gonzalez torna-se uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado, que contribuiu para a mobilização de conquistas importantes para os dias atuais como as cotas em universidades. Não podemos deixar de citar Marielle Franco, militante moradora da Maré que lutou pelas pessoas faveladas que iam contra os interesses dos que lhe mandaram matar. Dito isto, o caso dos integrantes do curso da prefeitura é mais um exemplo de como a negação do acesso à cidade e cultura se expressa, com o descaso para com os moradores das zonas oeste e norte do Rio de Janeiro e a insuficiência de recursos, que foram muito bem administrados pelos monitores Juliana e Jean.

Assim, o conceito de "tempo espiralar" de Leda Martins aborda a relação direta entre passado, presente e futuro e a necessidade de preservação de memórias com a história como essencial para a transformação do futuro. Esta se faz a partir da territorialização do corpo, reencenando culturas em ritos, com gestos estéticos, trazendo uma conexão direta entre tempo e espaço. Além disso, a escritora Conceição Evaristo enfatiza a importância das escrituras, ou seja, contar de forma literária experiências de pessoas negras para a manutenção de relatos que são apagados. A arte produzida pelo artista Lucas Ururah é a brecha simbólica que surgiu de manter viva a memória de religiões de axé pela representação da Cabocla Jurema dentro do Museu de História Afrobrasileira!

---

por **Fabiana**

---

### **7 de Fevereiro de 2023**

O calor me cozinhou hoje cedo, e as horas me devoraram tão rapidamente que nem percebi minha alma vagando e subindo ao céu. Eu não estava mais aqui. A ficha caiu junto com a chuva e então pude recomeçar. Apaguei tudo que tinha escrito. Desmarquei os compromissos, ou fui obrigada a recuar? Da minha única janela a rua anunciava que a maré encheu novamente. Encheu como se meus olhos fossem também os da primeira moradora deste lugar. Gosto de pensar o tempo e reformá-lo em uma escrita espiralar. Então peço paciência, e que agora, desprenda-se das margens cronológicas. Está tudo bem, seu pulso ainda pulsa sem os ponteiros que forjam em você a esperança de caber em algum lugar.

### **15 de Janeiro de 2023**

Hoje disse a eles: "Meu nome é Agatha, sou livre e meu território é o movimento". Naquele momento, me questionei se realmente sou livre ou se me forço a demarcar esse lugar utópico. E roda nos unimos cada qual com o próprio corpo encheram de terra aquele lugar. Aquele lugar que é esse aqui, o Muhcab. Enterrado aqui, debaixo dessas árvores estão nossas raízes ancestrais, como se a qualquer momento pudéssemos tomá-las de volta. Seria como tomar um pouco da jurema, beber a própria árvore sagrada. As folhas e os ventos conversam segredos a todo tempo. Você pode ouvir? Cada tronco linguístico que foi calado, cada nome que foi cortado e mudado... você pode pronunciar? As respostas não importam aqui, isso é coisa de colonizador. Fico com as perguntas. Você fica?

### **30 de janeiro de 2023**

Mais uma vez cheguei cedo demais. Não demorou muito e voltei atrás. Deitei a cabeça naquele banco e pude ver o pé direito. Tão alto era o teto que me pareceu longe. E logo então estava eu lá na fazenda, no interior de mim. Tão pequena sentada em cima de sacos de rafia sonhando que não tinha nada pra conquistar. O mundo não esperava nada de mim, nem daquele lugar. Só as mexericas. Tão mexeriqueiro o pomar, faziam questão de me provar dizendo: "Você pode correr, comer, morar. Mas sairá daqui, nem mesmo você. E naquele casarão... nem pensar. Nunca poderá entrar". Eu quase acreditei. Dandão me disse outra vez "Tem marimbondó aí" mas ele chegou tarde e falou muito devagar. Eu já estava do outro lado da cerca, dentro do buraco e com os ferrões cravados em mim. Foi assim que escapei... Fechei os grandes portões de ferro que guardam as minhas e as suas memórias, fui embora. Só volto pra contar história.

---

## **Não mais tomar a voz da terra, prová-la.**

Mais uma vez a terra pede socorro. Mudanças climáticas causadas pela ganância e má administração dos homens para com a terra causaram o desequilíbrio da natureza. E o que nós somos senão a própria natureza? Se a gira da terra desalinha, caímos todos como as árvores que desmoronam por falta de terra. A natureza só consegue ficar equilibrada com a força de todos os biomas. Como bem nos lembrou Shirley Krenak ao reafirmar na aula inaugural do projeto Ama Rio o quanto é importante nos apresentarmos a partir de nossos territórios, nossos biomas. Assim, invocamos o poder da palavra para reafirmar a vida que há em cada biodiversidade de território ao qual pertencemos. Fomos convocados a nos mover e ir além das cercas e muros que nos limitam e separam. Juntos fomos capazes de criar um espaço outro onde o corpo também é território, como bem pontuou nosso monitor Jean Fontes. Aqui evocamos a escrita do tempo espiralar, uma escrita performativa que se move para longe dos padrões hegemônicos e coloniais, distante das estratégias de controle que estruturam o tempo em uma máquina de moer subjetividades. Nessa gira poética, saudamos a memória da Zona Portuária do Rio de Janeiro, território marcado pelas diferentes histórias e culturas pretas que atravessam os muros deste Museu como uma raiz que reivindica espaço e arranca o concreto onde a modernidade escondeu seus alicerces. Estas vigas nada mais são do que as próprias veias mantenedoras da colonialidade. Agora é hora de dar lugar à pluriversalidade. As cosmovisões que evocamos hoje vem de outros tempos, espaços e planos, traçadas através de muitas mãos, curada e curtida no ventre da terra para que hoje possamos provar e dizer: Aqui se faz, aqui se fez e aqui se fará História(s) da(s) arte(s) afrodiáspóricas.

## **Memória, Território e Coletividade: Notas sobre o projeto AMA RIO**

Todo material, escrito ou não, que se produz, deixa marcas. Tudo que é criado, a partir da tomada de sentido, comunica, de maneira a deixar memórias para aqueles que consumirem tal criação. A memória carrega consigo uma importância única, ela é capaz de transportar pessoas a diferentes realidades e momentos a partir de uma simples ou detalhada análise. A memória é o que fica, ela é a vista, o recorte, aquilo que foi atribuído importância, a grande inimiga do esquecimento. Assim, de forma menos poética, escrevo esse texto como ferramenta de armazenamento de memórias, de processos vividos por pessoas alheias, com vidas alheias, reunidas em um mesmo território, por motivos também alheios. A partir é claro, do meu lugar, olhar e vivência, recortados desse movimento.

Território, palavra relativamente pequena mas com significados tão singulares e múltiplos, que arrisco dizer ser impossível explicar, esse termo esteve conosco durante todo o processo. Como nos comunicou Shirley Krenak, nós mesmos somos território, nosso corpo, este que transita por diferentes espaços, é antes de tudo um espaço em si. Espaço esse que no mundo do tempo encurtado, do lucro a todo custo, nos é delimitado para que não o reconheçamos ao todo. Nos é ensinado, por meio das cadeiras limpidamente posicionadas e o sinal a tocar na escola, que a atenção deve estar direcionada a cabeça, a racionalidade, pois é por meio dela que nos coagiram a viver na inércia. Despertar para a infinidade de outros sensores espalhados por todo esse território que chamamos de corpo, se perceber por inteiro e compreender o movimento constante de tudo que está vivo é o mesmo que explorar possibilidades variadas de existência e transmutação.

O meio ambiente, sendo ele próprio uma forma de territorialização, como tudo dentro de uma sociedade como a nossa, as vistas do Capital, é apropriado, cerceado e dividido, baseado nos interesses de quem interessa. Afastar o ser humano da natureza, hierarquizar essa relação nos colocando como liderança máxima no topo de uma cadeia forjada, faz parte desse sistema. Assim, quando essa lógica é criticada, remédios do tipo placebo nos são ofertados. Criações inúteis, invenções esdrúxulas e projetos notoriamente superficiais, são mais satisfatórios do que tocar verdadeiramente nas raízes profundas do problema. A juventude então, se mostra subversiva e primordial para abandonar os métodos paliativos e discutir com seriedade temas que muito nos interessam. Como abordar a situação ambiental do nosso planeta para além da superficialidade dos discursos prontos? Como lidar com a contradição de criticar e viver na realidade do lucro? De maneira geral, foram questões e mais questões como essas que nos perseguiram, revoltaram e movimentaram durante todo o percurso até aqui.

Nesse sentido, abordo por fim um conceito caro e por vezes deturpado dentro do projeto, o de coletividade. Falar de coletivo é antes de tudo falar sobre encontros, trocas profundas, daquelas que fazem conceitos até então bem estruturados na sua trajetória serem repensados. É se reconhecer em si depois de ter cruzado com o outro. As pessoas, histórias, ensinamentos e experiências potentes, foram sem dúvida a melhor parte de tudo isso. Permanecemos e chegamos ao fim pelo acúmulo de compartilhamentos uns com os outros. A maneira tradicional, ou melhor, capital, de se aprender, direcionando toda a atenção a um indivíduo teoricamente iluminado que contemplará a todos com a luz do seu

conhecimento, foi aqui convertida pelo boca a boca de experiências múltiplas que fazem crescer. Entender seu lugar, a possibilidade de todos terem um espaço único e especial a ocupar, nos mostrou outras formas de aprendizagem, baseadas na sensação completa do corpo e da mente. O AMA Rio foi o elo na linha do destino que convergiu o caminho de indivíduos que precisavam se encontrar e entender que a única forma de insurgir esta configuração de mundo é pela coletividade. Para nossa sorte, e azar de alguns.

---

**por Manuela**

---

### **Ama Gira: Reflexões sobre o processo do projeto Ama Rio.**

Tempo seja em seu aspecto social ou científico conota a ação no espaço e seu efeito junto a experiência. Como acionamos o corpo e o instrumentalizamos muitas vezes esteve ligado a quais tarefas foram historicamente delegadas a alguns corpos. Seja através do gênero em um entendimento do corpo da mulher a partir de uma funcionalidade que a condena a ser mãe ou por meio da raça com a idealização do corpo negro como um corpo laboral. Enquanto a história linear privilegiou um ponto de vista na arte onde o protagonismo está espelhado na imagem do homem humanista que privilegia a razão, a contribuição de povos indígenas e negros junto a arte e sua experiência junto ao tempo foram invalidadas, assim como suas narrativas. É essencial a compreensão de como narramos uma história ser a coluna dorsal do pensamento historiográfico; neste sentido evoco Leda Maria Martins e seu tempo espiralar, a fim de subverter a dicotomia de vida e morte, assim como a figura dos caboclos fazem por meio do encantamento.

Leda subverte o tempo vertical de chão de fábrica e nos defronta com uma temporalidade das interseções e dos cruzamentos, onde o ancestral se faz presente na apreensão de saber do corpo em sociedade. Não um tempo linear que conjuga todas as existências, assim como o discurso parte de algum lugar subjetivo é possível pensar que a experiência junto ao tempo também parte de um lugar subjetivo. Em um contexto de extremo capitalismo a estrutura produtiva delega lugares e temporalidades específicas para alguns corpos.

Se pensarmos na diáspora cotidiana de pessoas negras da Baixada e Zona Oeste que vem todo dia trabalhar no centro do Rio, por exemplo. Algumas destas passando mais tempo em seu transporte público diário do que em sua casa, algumas morando nos chamados “bairros dormitórios” e todas estas reféns de um estado de trânsito compulsório que restringe sua existência no contexto da cidade apenas ao seu trajeto para o trabalho, existências baseadas em seu valor produtivo em postos de extremas precarizações.

Ama Rio 2023, jovens de diversas origens se reúnem para pensar arte e meio ambiente, mediados pela produção de um artista experiente, Lucas Ururah. No projeto a concepção que até então seria coletiva privilegia a figura centralizada em um artista, neste sentido todos os aspectos produtivos ligados a obra “Ecos de Jurema” (2023) estiveram intrinsecamente delineados a privilegiar a mão de obra do artista experiente em detrimento ao tempo e esforço de deslocamento de muitos outros jovens (em maioria negros) que tiveram sua mão de obra mais uma vez direcionada ao operacional e não ao conceitual, uma vez que

a própria obra - que a princípio seria coletiva - agora se vê como parte de mais uma cadeia produtiva no ecossistema da arte tradicional que mesmo em um programa de meio ambiente se recusa a ter uma visão autocrítica acerca do que deveria ser principal dentro de uma indústria: como e quem produz. O tempo neste sentido urge como um sinalizador dentro de um museu de caráter ancestral tão forte como o MUHCAB (Museu de História Cultura e Afro-brasileira); um sinalizador que aponta como as relações produtivas se tratando de pessoas negras e periféricas sempre esteve em um lugar de invisibilidade e desvalorização. E ao privilegiar a figura do Artista com A maiúsculo estamos refém da tradição colonial do “gênio”, privilegiando mais uma vez somente um ponto de vista narrativo, no qual é necessário ser questionado: Quantos artistas negros são sufocados pela figura do gênio?

O tempo e a produção se desenham junto ao lastro histórico da experiência de alguns povos em seu dia-a-dia. Sendo a produção, o trabalho, como parte integrante do empreendimento do corpo no espaço, é também o condicionamento dentro do tempo-espaço que aliena a partir de uma necessidade estrutural: ser produtivo. Neste sentido já a muitas décadas produzir para alguns corpos, sobretudo de jovens negros, é um sinônimo de uma existência validada a partir de sua funcionalidade e não sua subjetividade e processo individual. Jovens negros e de periferia ainda são parte de um estrato social localizado nos empregos mais precários, para além de serem os mais violentados por políticas de morte do estado. No Rio de Janeiro seria fácil pensar que tais violências contra o corpo negro se restringem as invasões policiais nas favelas, porém tais relações de poder se expressam antes de mais nada nos locais de produção que estão reservados para cada um de nós.

A cidade é um espaço de disputa, onde a propriedade privada é a lei maior, nosso acesso aos espaços a todo tempo está ameaçado assim como nosso fluxo seguro, acima de tudo se você é negro, alienação se faz presente por meio de um trânsito mecanizado ou adestrado no espaço, em especial em uma cidade macrocefalizada como Rio.

Em um mundo onde querem que trabalhem até morrer é urgente pensar em como produzimos e com o que, se tratando de meio ambiente, uma escultura de cimento não me parece muito ecológico. A concepção em si diz respeito a um material que é responsável por 8% das emissões de CO2 e também é a segunda substância mais usada no mundo, só perdendo para a água! Assim como dentro de todo o processo de concepção da escultura fica claro como essa ordem de pensamento linear é predominante nos processos de concepção não somente do que é a obra em si, mas em como ela se comunicaria com meio ambiente ou com a região do aparelho cultural, uma vez que a obra estará restrita ao ambiente do museu. Refletindo sobre a yabá presente na obra de Lucas, uma cabocla, é possível pensar que o ato de encantar nas religiões de axé é sobretudo subverter a estrutura de tempo linear e determinístico que nos aprisiona em um ciclo de vida e morte dentro dos moldes produtivistas.

Para Luiz Antônio Simas o encantamento do corpo, da palavra e do espaço é uma saída para a política de morte colonial, uma vez que o encantado é o limiar entre vida e morte e subverte ambos. O encantar do espaço é pensado neste sentido no paralelo de território e terreiro. Pensando a partir dessa dualidade, o corpo que se movimenta no espaço, ou seja, o corpo em trânsito, chega

em seu estado máximo de autonomia do senso produtivista das instituições por meio do encantamento, ao se permitir o estado de transe, onde se dá vazão a uma série de ordens de pensamento independentes da ordem hegemônica. O estado de corpo em trânsito sempre precede o estado de corpo em transe (ambos conceitos elaborados por mim a partir da experiência do Ama Rio), já que o trânsito conota ação e não passividade e é por meio da ação que o encantamento acontece. Neste sentido os processos de metabolização de experiências e saberes ao passar pelo encantamento, assim como Cabocla Jurema, dão o giro que literalmente transpassa os corpos por inteiro, em sua interação com o espaço, em sua absorção de informação, onde o rito, a brincadeira, a dança dão um novo sentido para o aprender.

Como Leda Maria Martins nos detalha o corpo e suas ações enquanto performance de apreensão do saber que dilatam a experiência do aprender (anteriormente congelada pela razão determinista colonial) para todo o conjunto da corporeidade e sua experiência sensitiva.

A cabeça privilegiada pela solução plástica escolhida por Lucas não somente pode ser uma ilustração de como ainda operamos o saber como um próprio retrato do projeto Ama Rio em si, que por meio do apagamento de muitos saberes e vivências (além da precarização de recursos) privilegia o resultado e não o processo. Apesar da compreensão de uma estrutura que atua através de tais lógicas e instrumentaliza a produção dos artistas, é impossível não refletir como o artista no caso deste projeto foi uma engrenagem demarcadora de diferenciação e evidencia das desigualdades de todo o processo no qual a Secretaria de Cultura do município reproduz uma visão produtiva que coloca o trabalho de jovens artistas e pesquisadores negros em um lugar já histórico de margem.

A secretaria junto a PPP em um espaço histórico como a Pequena África foi incapaz de pensar na mão de obra de jovens negros para além da tradição da precarização destinada a estes corpos dentro dos locais de trabalho, sejam fábricas ou museus. O Ama Rio enquanto projeto - com exceção dos orientadores Juliana Rufino e Jean Fontes que tiveram que, assim como nós, tirar leite de pedra - expeliu por si só o caráter produtivo do sistema de arte e de equação de valor de alguns corpos dentro do contexto produtivo, juntamente com a desorganização e falta de transparência expõe um modus operandi crônico e racista que além de violento com nossos corpos, inválida sobretudo nosso pensar, uma vez que ainda dentro de um Museu como o MUHCAB vemos como o modelo e as saídas coloniais não dão conta da produção e da episteme do nosso povo.

Acredito em um tempo espiralar por acreditar em um tempo que se dilata, assim como toda a experiência humana dentro do espaço, neste sentido ocupar um espaço tão domesticado como o da cidade indo para além das paredes do Museu seria parte de um processo de retomada da cidade, sobretudo para os jovens de municípios e regiões afastadas do centro, que se viram ao longo do projeto alienados do direito de circular livremente pela cidade devido aos atrasos e não pagamentos da passagem, muitos saíram do projeto...

Sigamos firmes como nossos camaradas da Aldeia Maracanã que em meio a diversas ameaças de desocupação do espaço para a construção de um estacionamento, arrancaram com suas próprias mãos o concreto e o asfalto recém colocado arbitrariamente. A cidade é nossa e devemos disputar a permanência e o trânsito neste espaço, ainda que muitos de nós tenham esse direito negado. Pois os que conseguiram

permanecer seguiram no projeto ciente do papel de disputa que a produção de pessoas negras busca reivindicar em alguns poucos espaços de frestas, uma disputa que se dá nos limites de muitos vazios deixados.

---

por **Gabencito**

---

### **Arte e Meio ambiente: um olhar sobre território e cultura.**

O projeto que os jovens vem desenvolvendo no AMA RIO, que em parceria com a secretária de cultura da cidade do Rio de Janeiro e com o Peoples Palace Projects, trás um olhar importante entre os jovens de diversos espaços do Rio de Janeiro, sejam da baixada, da região metropolitana, serrana, dos complexos e no centro da cidade, pois, a trajetória de cada um presente, é uma arte em si, ela traz consigo diversas identidades culturais, que determina a personalidade daquele ou daquela artista, representando por fim, a sua marca. A obra trabalhada recentemente no equipamento cultural MUHCAB (Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira) com os jovens do projeto e com o artista Lucas U., representa a escultura de uma cabocla chamada Jurema, conhecida por ter sido uma guerreira indígena na religião de matriz Africana.

Meio Ambiente e a cabocla Jurema, o que tem incomum? O que nos representa? Sua importância em primeiro lugar como uma entidade que representa o que são os quatro elementos fundamentais na vida do que auto nos denominamos como:

ser humano. Jurema é ar, é terra, é fogo e água, ela é a natureza e os movimentos em defesa de uma vida; o Meio Ambiente.

Após essa introdução, coloquemos nossos pensamentos através dessa leitura, para pensarmos o que essas pessoas trazem de seus territórios, quando falamos de um espaço, devemos pensar na cultura que cada pessoa vive em sua região, na sua casa. A jornalista e Indígena, Shirley Krenak, realizou uma palestra no dia 11/01 de 2023, no Museu do amanhã, sobre o que é o Meio Ambiente, Cultura e Território. E em sua fala ela diz: “você comeram terra hoje? Você comeram ou não comeram terra hoje? A comida que você come vem da terra, a água que você toma vem da terra. Eu sou terra! Meu povo é terra! E nós precisamos cuidar da nossa terra, do nosso território. O que você come e o que você respira, vem de um único lugar: terra!”. É importante repensarmos sobre de onde saímos, de onde chegamos e de onde é a raiz de nossa cultura, as nossas “Escrevivência” de Conceição Evaristo, que demonstra o cotidiano de uma luta dos povos indígenas e dos povos afrodescendentes desse Brasil. A Jurema retrata todos esses significados, significados de: luta, pertencimento, território, cultura, a vida. Quem são essas pessoas que nos dizem até a linha que podemos ultrapassar ou aonde não devemos estar, muitas das vezes essas pessoas que vão contra toda essa resistência territorial, tem medo de perder o poder, de perder os privilégios que tomaram de muitos povos, de muitas culturas e tomaram muitos territórios, e hoje, de forma invisível, vai restringindo os locais de todas as culturas diversas que denominam como a “minoria”, de frequentar e ocupar esses locais. A escultura de Jurema e o equipamento cultural MUHCAB, é uma junção de importância, e os jovens está presente faz com o que tornar-se mais importante.

Espaços que possibilitam unir duas culturas que trazem consigo a história de povos tradicionais, quilombos e os afrodescendentes com a representação de uma nova juventude reivindicando a assistência do que é o processo da vida e o meio ambiente como um ponto principal da busca por um lugar de ancestralidade e o cuidado com o que chamamos de casa: terra. Reconhecer que o meio ambiente trabalha esse lugar de reconhecer, faz parte da busca em entender como funciona a alma do corpo a qual chamamos de planeta.

**"A MATA É A SUA MORADA,  
HABITAT ONDE RENOVAMOS  
NOSSAS ENERGIAS"**

**-Cabocla Jurema**

---

**por Kamilly**



## REFERÊNCIAS

*Escrevivência, a escrita de nós:* EVARISTO, Conceição.

*Ilê Axê: oração da Cabocla Jurema.*

KRENAK, Shirley: *Ativista indígena e jornalista pertencente ao povo indígena KRENAK.*

MUHCAB: *Museu da História e da Cultura Afro-brasileira.*

*Cabocla Jurema: Entidade da religião de matriz africana de Umbanda; associam a Cabocla como também a representação do cuidado do território, do meio ambiente, a vida da terra por uma indígena.*

*Diversidade: conjunto variado, variedades ou o que é diferente.*

## EDIÇÃO GRÁFICA

**Rebeca Souza**

